

# A cultura digital como perspectiva para ensinar e aprender na escola

Eugênio Alexandre Valério<sup>i</sup>

Abraão Vitoriano de Sousa<sup>ii</sup>

Sara Vitoriano de Sousa Roberto<sup>iii</sup>

Symara Abrantes Albuquerque de Oliveira Cabral<sup>iv</sup>

**Resumo:** O presente artigo objetiva caracterizar a perspectiva da cultura digital na escola, apresentando os seus principais desafios e contribuições para o ensino e aprendizagem. A temática surgiu a partir das vivências dos Estágios Supervisionado I e II do curso de Pedagogia (Faculdade São Francisco de Cajazeiras), pelas quais notamos a carência em relação à utilização das novas tecnologias em sala de aula. Além disso, considerando a Base Nacional Comum Curricular, a cultura digital passa a ser vista como uma das competências centrais para a educação básica. Assim, buscamos responder o seguinte questionamento: de que forma a perspectiva da cultura digital pode contribuir para o processo de ensino e aprendizagem na escola? Por meio de uma pesquisa bibliográfica, baseada em Kenski (2007), Santos (2018) e Silva (2011); compreendemos essencialmente que a inserção da cultura digital na escola pode favorecer um ambiente de reflexão, criticidade e criatividade, o que demanda uma metodologia adequada ao perfil social do aluno diante da sociedade do conhecimento.

**Palavras-chave:** Cultura digital. Escola. Ensino. Aprendizagem.

## *Digital culture as a perspective to teach and learn at school*

**Abstract:** This article aims to characterize the perspective of digital culture at school, presenting its main challenges and contributions to teaching and learning. The theme emerged from the experiences of the Supervised Internships I and II of the Pedagogy Course (San Francisco de Cajazeiras College), through which we noted the lack of use of new technologies in the classroom. In addition, considering the National Common Curricular Base, digital culture is now seen as one of the core competences for basic education. Thus, we seek to answer the following question: how can the perspective of digital culture contribute to the teaching and learning process at school? Through a bibliographical research, based on Kenski (2007), Santos (2018) and Silva (2011); we essentially understand that the insertion of digital culture in the school can favor an environment of reflection, criticality, and creativity, which demands an adequate methodology to the student's social profile in the face of the knowledge society.

**Keywords:** Digital culture. School. Teaching. Learning.

Submetido em: 26 fev. 2023

Aprovado em: 03 abr. 2023



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Compartilha Igual 4.0 Internacional

**DLCV – Língua, Linguística & Literatura**

**ISSN 1679-6101**  
**EISSN 2237-0900**

<sup>i</sup> Instituto Superior de Educação de Cajazeiras. E-mail: eugenioalexandre153@gmail.com.

<sup>ii</sup> Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: abraaovitor@gmail.com.

<sup>iii</sup> Centro de Ensino Superior São Francisco. E-mail: saravitoriano@hotmail.com.

<sup>iv</sup> Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). E-mail: symara\_abrantes@hotmail.com.

## INTRODUÇÃO

Na sociedade contemporânea, a tecnologia está presente no cotidiano das pessoas tanto na área rural com também na área urbana. Isso também é notório na educação, onde as escolas estão passando por um processo de ressignificação da metodologia tradicional para uso das tecnologias educacionais como ferramenta de trabalho no ambiente escolar, visto que o público educacional é composto por usuários e conhecedores desta tecnologia para uso próprio e para sua vida profissional. Apesar disso, algumas escolas públicas ainda não conseguem se adequar ou utilizar as tecnologias como recurso pedagógico efetivo.

Neste contexto, a realidade educacional precisa ser repensando quanto ao uso da tecnologia como fonte de trabalho e metodologia educacional, realizando adaptações e investimentos no ambiente – que demanda um incentivo constante do poder público nas escolas da educação básica; assim como a utilização de diferentes recursos para ensinar e aprender com a cultura digital – que implica num processo de formação continuada de professores.

É importante destacar que a cultura digital deixou de ser uma tendência para o futuro e agora apresenta-se como umas das “10 Competências Gerais da Base Nacional Comum Curricular”, que foi promulgada em 2017 e que discorre sobre as aprendizagens essenciais para toda a educação básica brasileira, seja no ensino público ou privado. A cultura digital trata-se de uma realidade que precisa ser trabalhada na escola, em todos os componentes curriculares, especialmente nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, considerando a importância dessa fase para o desenvolvimento da alfabetização e letramento dos estudantes.

Pensando nesses desafios, que foram vivenciados durante o Estágio Supervisionado I e II do Curso de Pedagogia (FSF), no qual percebemos a carência no que diz respeito à utilização de recursos tecnológicos e digitais; temos como problema de pesquisa: de que forma a perspectiva da cultura digital pode contribuir o processo de ensino e aprendizagem na escola?

Para tanto, o presente trabalho, partindo de uma pesquisa de cunho bibliográfico, objetivou caracterizar a perspectiva da cultura digital na escola, apresentando os seus principais desafios e contribuições para o ensino e aprendizagem. Nesta direção, iniciamos por uma discussão a respeito das tecnologias e os desafios na educação e, em seguida, discorreremos sobre os desdobramentos da cultura digital no contexto de ensino e aprendizagem.

É evidente o desafio não é apenas introduzir as novas tecnologias digitais alinhadas aos conteúdos de ensino, compreende também, buscar o saber acerca das concepções que os professores e alunos detêm sobre tais tecnologias e, a partir disso, planejar as aulas, com a finalidade de melhorar os processos de ensino e de aprendizagem.

## **METODOLOGIA**

O presente artigo consiste em uma pesquisa bibliográfica, qualitativa e descritiva. A finalidade, em linhas gerais, é analisar a contribuição das tecnologias na educação, visando a necessidade de conhecer os benefícios e desafios de sua inserção em sala de aula.

No que diz respeito ao procedimento técnico, a pesquisa é de caráter bibliográfico: mediante uma investigação com base em materiais teóricos relacionados ao tema, foi possível ler criticamente a partir de obras e autores: as principais referências para compreensão e articulação de discussões sobre as implicações da cultura digital no contexto escolar.

De acordo com Gil (2012, p. 45), “[...] a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente”.

Este estudo também parte de uma pesquisa descritiva e qualitativa, já que tendo em vista o problema e objetivo de pesquisa, buscamos, pois

[...] descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis [...] contribuir no processo de mudança de determinado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos. (RICHARDSON, 2008, p. 39).

De posse disso, realizamos, inicialmente, o levantamento das fontes bibliográficas acerca do tema, desde livros, artigos científicos, documentos legais; em seguida, analisamos as contribuições desses materiais em relação ao objetivo da pesquisa e, por fim, consolidamos todo esse percurso na produção escrita, estabelecendo diálogo entre os autores com foco na cultura digital e nos processos de ensinar e aprender.

## **ADOLESCÊNCIA E VIDA ADULTA NA HISTÓRIA E NA LITERATURA**

O estudo da representação das fases da vida humana na Literatura não sairá em prejuízo quando for entendido à luz de outras esferas do conhecimento humano, a exemplo da Filosofia, da Sociologia, da Psicologia *etc.* Mesmo considerando-se a figuração a que procede Gilvan Lemos – e que se deslinda, em nível textual, no capítulo seguinte –, perceber em chave mais ampla infância, juventude e velhice é fundamento auxiliar na compreensão de como o ficcionista elabora suas personagens e como, em última instância, transforma os desencontros

geracionais no principal elemento catalisador da narrativa de *Noturno sem Música*. Noutros termos: consistindo na questão central do romance, a condição humana diante do passar do tempo e de como o interpreta é essencial para o entendimento do alcance da própria narrativa. Assim que o panorama a seguir subsidia alguns parâmetros capazes não apenas de auxiliar, mas, mais que isso, de elucidar procedimentos empregados na construção do texto literário.

Mesmo na atualidade, ainda existe certa dificuldade em se esclarecer o conceito de adolescente; noutros termos, de oferecer-se uma definição efetiva sobre o ser humano que deixou de ser criança e ainda não entrou no mundo dos adultos; embora possa, circunstancialmente, ser tratado como tal. Pautando-se em Erik Erikson, Luciano Lirio (2012) defende, no artigo “A Construção Histórica da Adolescência”, que o período correspondente a essa fase da existência humana não pode ser considerado apenas um momento de espera até a vida adulta, uma transição de fases; consistiria, na verdade, numa etapa em que o indivíduo tende a buscar uma readaptação, a formar uma nova identidade como sujeito na sociedade.

Se se pensar num plano fundador do Ocidente – ou seja, na Grécia Antiga –, pode-se identificar o pensamento aristotélico como responsável por sustentar o entendimento de que um garoto não passaria de um projeto de homem, consistindo num indivíduo de pouco valor; é o que expõe Buenaventura Delgado (1998). O autor elucidava a visão do Estagirita, salientando “o valor pedagógico do jogo na primeira infância, o equilíbrio da educação física e intelectual, evitando qualquer tipo de excesso, em uma ou outra direção, etc.” (BUENAVENTURA DELGADO, 1998, p. 31). Sendo assim, o pensamento desenvolvido pelo pensador helênico levaria a acreditar que o sujeito é moldado durante a infância, adquirindo virtudes ao praticar bons hábitos.

Ainda com os olhos voltados ao mundo antigo, percebe-se que apenas os mais velhos eram vistos como detentores de ampla sabedoria, sendo impossível a um jovem tomar decisões acertadas sem antes consultar alguém de mais idade. Os moços possuíam comportamento contrário às regras sociais, às tradições; eram insensatos, por assim dizer. Ao discorrer sobre esse ponto, Lirio (2012, p. 74) menciona a indignação de Sócrates com os jovens de sua época ao retratá-los como mal-educados, incapazes de respeitar os mais velhos, definindo-os como pessoas más.

A pedagogia do pensador catalão Ramón Llull (sécs. 13-14), descrita em *Libre d'Evast e d'Aloma e de Blanquerna* e mencionada por Buenaventura Delgado, denota a infância como o período de preparação para a vida adulta, para o momento em que o jovem não estará mais sob os cuidados dos pais. Sobre isso, o autor espanhol discorre:

O original e surpreendente da pedagogia lulliana é que está pensada desde o ponto de vista da criança como tal e não desde adulto. Dá valor à importância da relação inicial da mãe com a criança, sua natureza e sua maneira de ser infantil, respeitando ao máximo seu desenvolvimento, o modo de alimentá-la e de vesti-la, assim como o momento em que há de deixá-la sair das saias da sua mãe, para ir jogar com outras crianças, até inseri-la em uma escola próxima com crianças de sua idade. (BUENAVENTURA DELGADO, 1998, p. 73, tradução própria).

O fragmento destaca a importância de se respeitarem as fases por que o indivíduo tem de passar na vida, sem que se impeça o momento do crescimento. Articulando-se essa consideração à visão sobre adolescência, seria possível dizer que é necessário respeitar a “morte ritual da criança e o nascimento do ser adulto.” (LÍRIO, 2012, p. 73).

Na ficção, a descrição da infância é trabalhada em meio a mitos oriundos da tradição literária. Violante Magalhães (2009, p. 93), em seu estudo sobre as representações na infância no Neorrealismo português, justifica que “as diferentes concepções acerca desse grupo etário (seu lugar, seus papéis, modelos, estereótipos) estão também dependentes do contexto sociocultural em que cada escritor está mergulhado”. Associada à vivência imediata do autor literário e às suas reminiscências, a leitura da conjuntura histórica é essencial para o firmamento de uma visão acerca das fases da existência humana e, em específico, do processo formativo do indivíduo.

Ao dirigir seu olhar à velhice, Ecléa Bosi (1987, p. 35) descreve-a como “uma categoria social” e vai além ao recordar que a “sociedade rejeita o velho, não oferece nenhuma sobrevivência à sua obra”; ou seja, ao seu trabalho, ao papel que ocupa na sociedade. A autora comenta em sua obra *Memória e Sociedade: lembrança de velhos*, que a sociedade contemporânea age de má-fé com anciãos, afastando-os de qualquer posto de direção, colocando-os em posição inferior à dos mais jovens, chegando a desejar que a pessoa de mais idade “nos poupe de seus conselhos e se resigne a um papel passivo.” (BOSI, 1987, p. 36). É o outro lado da moeda e que, no mínimo para fins de contraste, mostra-se frutuoso para o inquérito à condição do jovem.

A pesquisadora diz mais. Em comparação das mutações sofridas tanto na adolescência quanto na velhice, vê-se que, “na adolescência, também nossa imagem se quebra, mas o adolescente vive um período de transição, não de declínio. O velho sente-se um indivíduo diminuído, que luta para continuar sendo um homem.” (BOSI, 1987, p. 37). Norbert Elias (2001) pode, nesse sentido, ser associado a Bosi, na medida em que afirma ser, a decadência dos velhos, responsável por os isolar e os fazer gradualmente morrer, esfriando as relações sociais e evidenciando a fragilidade imposta a eles pelo passar dos anos. No romance de Gilvan

Lemos, é condição que se apresenta nitidamente nas relações entre o adolescente Jonas e o seu tio Leocádio, homem maduro que abriga o sobrinho em sua casa.

## TECNOLOGIAS E OS DESAFIOS NA EDUCAÇÃO

Com o advento da internet na virada deste milênio, a introdução das novas tecnologias no ambiente escolar passa a ser vista como uma importante contribuição para a melhoria das condições de acesso às informações, uma vez que a sociedade atual se caracteriza pela rapidez de surgimento e desaparecimento de informações. Dessa forma, diante da realidade atual, é exigido um novo perfil de profissional e de cidadão, o que coloca para a escola novos desafios. (ARROYO, 2000).

Conforme elucidada Santos (2018), a utilização das NTICs (Novas Tecnologias da Informação e Comunicação) na educação necessita de um olhar mais profundo, uma vez que requer, no âmbito do processo educacional, um maior envolvimento diante das dinâmicas modernas de ensino, da aprendizagem e de como inserir essa tecnologia no currículo de modo coerente em consonância com a sociedade vigente.

Na contemporaneidade, evidenciamos em todos os espaços que as tecnologias estão presentes, facilitando o trabalho das pessoas. Consideramos, portanto, um processo que não voltará ao passado, e sim, vislumbrará seus avanços a cada dia. Contudo, cabe ressaltar que nesse processo de imersão tecnológica, os sujeitos estão se tornando reféns, pelo uso contínuo e sem um propósito. Face a essa conjuntura, Mainart e Santos (2010) assinalam que a instituição escolar se torna uma das principais esferas responsáveis pela difusão da tecnologia, ao inseri-los em sala de aula, com vistas em facilitar o trabalho docente e contribuir para uma aprendizagem efetiva em conjunto com as TDICs (Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação).

No entanto, não é suficiente somente inseri-la na sala de aula, mas sim, em sua prática, fazendo dessa nova ferramenta de aprendizagem um recurso útil na mediação dos conhecimentos pelo professor. Isto é,

A incorporação das inovações tecnológicas só tem sentido se contribuir para a melhoria da qualidade de ensino. A simples presença de novas tecnologias na escola não é, por si só, garantia de maior qualidade na educação, pois a aparente modernidade pode mascarar um ensino tradicional baseado na recepção e na memorização de informações. [...] A concepção de ensino e aprendizagem revela-se na prática de sala de aula e na forma como os professores utilizam os recursos tecnológicos na sala de aula não garante mudança na forma de ensinar e aprender. A tecnologia deve servir para

enriquecer o ambiente educacional, propiciando a construção de conhecimentos por meio de uma atuação ativa, crítica por parte de alunos e professores. (MAINART; SANTOS, 2010, p. 3-4).

Mediante a prática de ensino, com a introdução das tecnologias educacionais em sala de aula, ocorre uma intensa mudança na aquisição da aprendizagem. Contudo, não basta apenas utilizar os recursos tecnológicos em sala de aula, é necessário, de fato, que sua aplicação e manuseio seja feito corretamente, visando proporcionar ao discente a motivação para aprender, com trocas de informações que promovam a construção dos conhecimentos pelo próprio aluno, sendo este o responsável por efetivar esse processo.

Acerca das tecnologias educacionais, Pinheiro (2010, p. 407) discorre que:

O educador deve entender antes de tudo que o estudante de hoje não é o mesmo do que existia antigamente, a lógica de raciocínio de nossos jovens e a atenção que utilizam em várias atividades simultâneas é muito constante. O professor deve entender a realidade do jovem enxergando as coisas sobre as perspectivas deles, caso contrário assumirão uma posição não favorável em sala de aula. Se houver essa divisão entre professores e alunos a convivência entre eles diminuirá e conseqüentemente, a eficácia do ensino.

Os intensos avanços tecnológicos provocam nos sujeitos uma evolução frequente. Hoje, salientamos ser um grande problema dentro das salas de aulas, o despreparo de professores diante do manuseio das tecnologias, de modo a evidenciar que os alunos, na maioria das vezes, encontram-se mais atualizados do que o próprio docente, acarretando, com isso, alguns desafios no desenvolvimento das aulas. Portanto, o professor deve estar em frequente atualização, sendo ainda consciente do seu papel como educador, procurando sempre inserir-se na realidade do educando.

Nessa perspectiva, é sabido que os recursos midiáticos oferecem inúmeras vantagens tanto para o estudante quanto para o educador, de modo a facilitar a aprendizagem e fomentar as práticas pedagógicas em sala de aula, dinamizando e propiciando uma melhor interação no decorrer das aulas.

Tendo em vista essas questões, o grande desafio das instituições de ensino é trazer o cotidiano para dentro da sala de aula, e nem sempre o uso das tecnologias vai melhorar o ensino aprendizagem, porém, é um recurso a ser explorado. Algo que pode ser analisado no uso das novas tecnologias é a condição que se dá ao aluno observar o mundo de outra maneira, as novas relações de trabalho e, conseqüentemente, prepará-lo para exercer sua cidadania.

A escola é uma das principais responsáveis pelo desenvolvimento da competência comunicativa dos estudantes, o que inclui também o letramento digital. Pensando em recursos,

grande parte das instituições está equipada com os recursos tecnológicos que chamamos de *novas tecnologias*: as escolas públicas adquirem estas tecnologias através de investimentos do governo federal e as escolas particulares com recursos próprios destinados à educação. O grande problema é incorporá-las e fazer uso produtivo no tocante ao ensino e aprendizagem, pois, por muitas vezes não temos melhorias com essa instrumentalização. Antes, porém, de refletir e pensar que a escola não quer fazer uso, ou está resistindo às novas tecnologias, é necessário que primeiro identifiquemos quais os desafios de sua implementação. O professor terá que reportar-se a isso e, posteriormente, pensar se a incorporação das novas tecnologias irá de fato auxiliá-lo de forma positiva em sala de aula.

Pesquisadores como Silva (2011), revelam que as crianças e os jovens que possuem contato com as tecnologias em seu cotidiano desenvolvem determinados aspectos da inteligência que acabam não resultando em um melhor desempenho escolar. Isso significa que essa geração envolvida cada vez mais nas linguagens midiáticas não encontra na escola a mesma rapidez das informações. Isso é preocupante, pois existem vários jovens que acabam sendo ótimos *jogadores de games* na internet, tem facilidade para adaptar-se ao meio tecnológico, porém, a escola não explora bem essa questão com os alunos.

O ponto chave da discussão é este: saber identificar a realidade do alunado para que se possam introduzir de maneira significativa ferramentas que auxiliem o ensino e a aprendizagem. Cada vez mais, os jovens estão interagindo com a tecnologia, tablets, e-books, smartphones, enfim, uma série de ferramentas que podem servir de instrumento metodológico. Não que o uso destas ferramentas seja a solução para os dilemas da educação, dentre estes os baixos índices de leitura, escrita e resolução de problemas; porém, negar ou se impor ao uso das tecnologias não parece ser o caminho ideal, considerando o público atual das escolas.

Para o processo de adaptação, Pirozzi (2013, p. 6) afirma:

Dessa forma, ao se deparar com algum assunto desconhecido, basta apenas acessar um site de busca, digitar o assunto, e em segundos o conteúdo estará na tela de alguns equipamentos tecnológicos, como: celular, tablet, notebook, entre outros, e com uma ressalva importante, serão inúmeros sites, ou seja, várias fontes de pesquisa algumas com resumos prontos do assunto pesquisado.

Nesse contexto, é importante que o professor que é o mediador do conhecimento, optar por fazer o uso das novas tecnologias tenha em mente que precisa se capacitar para que não ocorra nenhum problema em sala de aula, e que os alunos possam não só entender os conteúdos, mas também os discutir de forma crítica. Segundo Perrenoud (2000), as inovações tecnológicas



estão cada vez mais presentes e com mais intensidade em todos os âmbitos da sociedade e a escola não pode ficar alheia a essas mudanças. É inevitável não observar que a tecnologias se tornaram cada vez mais acessíveis, e mudaram o cenário no nosso cotidiano, e aproximar a tecnologia da escola pode ser um fator importante para o ensino/aprendizagem.

Nessa direção, Kenski (2007) evidencia que os alunos no contexto tecnológico/digital passam a ser mais ativos em tempo, velocidade e movimento, sendo assim, discentes e professores aprimoram e desenvolvem um comportamento de forma lógica e crítica, contribuindo com o ensino e a aprendizagem. Para tanto, é válido citar que o uso das tecnologias está associado a *propostas pedagógicas* que vão além das tecnologias empregadas. A filosofia ou intenção pedagógica torna-se primordial para estabelecer uma relação crítica e criativa da tecnologia e, em especial, das mídias digitais na escola.

Numeriano derrubava Marta no oitão da cocheira. Os dois rolavam pelo chão sujo de bosta de boi. Marta debatia-se nas mãos possantes do animal. As mãos de Numeriano pareciam garras, furando a carne morena da mulher. Marta não gritava, mas se debatia revirando os olhos, contraindo os lábios, seu corpo volteando como o de uma serpente. Um filete de sangue manchava a terra estrumada, ficava brilhando, coagulado, feito o dos bois que eram sangrados no matadouro. O sangue passava para Numeriano. Os dois agora estavam rubros. Marta levantava-se toda escarlate, rebrilhando em chamas. Não, não era Marta que estava em chamas, Inês foi que saiu gritando pelo terreiro, pegando fogo. Acordei sobressaltado. Tinha dormido alguns minutos. (LEMOS, 2016, p. 70).

## A CULTURA DIGITAL COMO CONEXÃO DE APRENDIZAGEM

Na contemporaneidade, a cultura digital tem tomado espaço recorrentemente em nossas vidas e nos ambientes escolares. Fato que se observa na utilização dos modernos aparelhos e sempre atualizados que chegam às salas de aula, como os celulares, que funcionam mais como minicomputadores, os *smartphones*, com acesso à Internet, os tablets, entre outros. Através deles, temos acesso a conteúdos e ferramentas diversos, como os e-mails, redes sociais como *facebook*, *twitter*, *instagram*, *whatsapp*, e uma série de novidades expostas diariamente.

Nesse contexto, evidencia-se que os estudantes assimilam de forma clara e rápida todos esses elementos, que exercem uma grande influência na vida deles. O conhecimento não se limita mais à escola como um prédio físico, ele está ao alcance do aluno a qualquer hora e lugar, basta ter acesso à internet. Basta recordar, recentemente, todo o processo de ensino remoto durante o período pandêmico, deixando a comunidade escolar, de um modo geral, aflita por não saber utilizar de maneira adequada os aplicativos e programas durante as aulas.

Voltando-se para a Base Nacional Comum Curricular, a perspectiva da cultura digital apresenta-se como uma das “10 Competências Gerais”, envolvendo transversalmente todos os componentes curriculares, desde a Educação Infantil ao Ensino Médio. De acordo com a BNCC, é necessário que o aluno possa:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. (BRASIL, 2018, p. 9).

Neste sentido, a escola tem a incumbência de ensinar aos alunos a interagir com a sociedade por meio da cultura digital, facilitando redes de comunicação e trazendo as crianças e os jovens para viverem o *novo*, inserindo-os na *era do conhecimento*. Para tanto, não basta somente inserir as tecnologias de comunicação na sala de aula, é necessário que seja aplicada uma metodologia de forma prática e eficaz, fazendo uma junção entre teoria e prática para que realmente os alunos sejam preparados, conscientes e aptos a atuarem em sociedade.

Nesse contexto, a internet possui um grande impacto, na medida em que é uma descoberta tecnológica que facilitou muito o sistema educacional, trazendo conhecimentos e informações que enriqueceram o currículo de nossos alunos, propiciando assim uma aprendizagem bastante proveitosa, desde que usada de forma correta. A internet é uma grande biblioteca, nela encontramos livros inteiros para consulta, artigos, enciclopédias, dicionários, vídeos educacionais e uma variedade de sites e blogs com os mais diversos conteúdos educacionais que favorecem o ensino aprendizagem trazendo para o aluno e professor uma série de conhecimentos que poderá enriquecer seu currículo. Segundo Kenski (2007, p. 34):

As redes, mais do que uma interligação de computadores, são articulações gigantescas entre pessoas conectadas com os mais diferenciados objetivos. A internet é o ponto de encontro e dispersão de tudo isso. Chamada de redes das redes, a internet é o espaço possível de integração e articulação de todas as pessoas conectadas com tudo o que existe no espaço digital, o ciberespaço.

Não há dúvida, diante do exposto a internet é uma das redes de mais fácil acesso a todos os usuários, trazendo informações a cada instante, com milhões de usuários conectados, promovendo a interação entre pessoas com interesses e objetivos diferentes, enfim. A internet é um instrumento que leva pessoas a trocarem informações, a se conhecerem, a interagirem e a trocarem experiências que servirão como fontes de informações para gerar conhecimentos.

A internet pode propiciar aos alunos a oportunidade para que eles possam discutir uns com os outros para trocar ideias, tomando para si a responsabilidade pela própria aprendizagem e, assim, tornarem-se capazes de solucionar problemas no seu cotidiano à medida que forem surgindo questões, além de serem capazes de interagir no meio social em que vivem com diferentes pessoas e favorecendo a troca de conhecimentos. (KENSKI, 2007).

A necessidade de circulação de informações de maneira mais rápida e confiável, por motivos financeiros e necessidade de controle dos processos industriais, aliado à necessidade de que a população tivesse acesso mais amplo à educação, deu origem ao tipo de educação que hoje denominamos educação de massa e obrigatória; ao processo de educação continuada, imprescindível no final do século XX e início do século XXI; e à necessidade crescente da população de dispor de maiores oportunidades de lazer. (KENSKI, 2007).

Os profissionais da educação, diante desse panorama, precisam compreender as mudanças nas relações sociais, percebendo como as práticas pedagógicas e individuais se inserem nos contextos relativos a essa proposta. Assim, não podemos especificar uma cultura individual dos sujeitos envolvidos no sistema de ensino e aprendizagem, mas sim faz-se necessário perceber suas formas de vivências e experiências e distingui-las para então avançar para acrescentar saberes e poderes aos que se encontram nesses espaços em tempos de globalização. (CARRANO, 2005).

Enfatizando o uso dos aplicativos digitais, que aceleradamente estão ganhando espaço na sociedade, devido ao seu amplo campo de atuação. Diante do avanço tecnológico, destinado ao telefone móvel, suas características estão a cada dia sendo adaptadas ao que nos apresentam hoje como smartphones, sendo este o auge de dispositivos móveis. A mobilidade dos demais recursos tecnológicos expõe um novo modelo de aprendizado, conhecido como aprendizado móvel. Neste momento, abordamos a dinâmica do aprendizado móvel, permeada exclusivamente por aplicativos digitais em smartphones. (ARANHA, 2018).

Dessa forma, é preciso observar como os alunos, denominados *nativos digitais*, dirigem essa tecnologia, não podendo essa ação passar absorta das nossas visões. Ressalta-se que com o grande número de aplicativos existentes atualmente, deve-se fazer a seleção daqueles que são os aplicativos educacionais, desfrutando do potencial que essa ferramenta tem a ofertar interno ou externo a sala de aula, em busca da efetivação da aprendizagem, baseando-se em estudos realizados sobre essa temática para o âmbito educacional.

Sabendo dessas inúmeras possibilidades que a tecnologia digital possui e oferece ao homem em prol da sua melhor qualidade de vida, principalmente, no campo das informações, da pesquisa e do conhecimento, uma questão tem sido bastante discutida: os motivos pelos

quais esse instrumento não tem sido utilizado de forma efetiva no âmbito escolar, mais precisamente, como material didático-pedagógico a fim de auxiliar o professor na aplicação de suas aulas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo das discussões nesse trabalho, percebemos que as tecnologias se encontram presentes em todas as instâncias da sociedade, principalmente na área educacional, sendo a umas das principais responsáveis pela formação do cidadão, com função de inseri-lo na sociedade e, diante disso, formá-lo de maneira crítica e reflexiva na cultura digital.

Compreendemos que é urgente e relevante que o professor busque novas formas de ensinar e aprender a partir da cultura digital, que implica novas formas de atuação: desconstruir a ideia de detentor do saber e se colocar como um agente de mediação e problematização dos saberes, ensinando os alunos a realizar diferentes operações, que vão desde uma pesquisa à denúncia de fake news e/ou bullying digital. Para tanto, reafirmamos a importância de uma formação continuada consistente, que se alinhe aos novos currículos e que, além de conhecer as mídias digitais e aplicativos, coloque em questão a intencionalidade pedagógica.

Assim, podemos explicitar que o objetivo do trabalho foi cumprido de forma satisfatória, obtendo bons resultados e caminhos para reflexões, reconhecendo que a cultura digital pode colaborar para o processo educacional, mostrando-se como uma ferramenta que proporciona novas formas de ensinar e aprender.

É preciso reafirmar que a tecnologia não suprirá a o papel do professor e que ambos não são excludentes, muito pelo contrário, o professor na condição de profissional do ensino conduzirá a tecnologia não como fim, mas como uma perspectiva dentro de um direcionamento maior, que é a sua metodologia. É preciso planejar, executar e avaliar a inserção dos aplicativos e mídias digitais na escola e o responsável competente para isso é o professor.

Dessa maneira, este trabalho foi de grande relevância para a minha formação enquanto acadêmico do curso de Pedagogia e como futuro professor, ao estudar sobre um tema atual e necessário para as práticas escolares, vislumbrando que a cultura digital não é mais uma tendência para o futuro, mas sim uma necessidade do presente, um processo que não pode ser negado ao aluno, que tem muitas vezes na escola o único espaço de transmissão cultural e produção do conhecimento.

Esperamos que essa produção sobre a temática, mediante uma pesquisa bibliográfica, possa contribuir como pesquisa inicial sobre os desdobramentos da cultura digital na escola, interessando a profissionais de educação e demais interessados no assunto.

## REFERÊNCIAS

- ARANHA, S. D. G.; SOUZA, F. M. (eds.). *Práticas de ensino e tecnologias digitais*. Campina Grande: EDUEPB, 2018.
- ARROYO, M. G. *Ofício de mestre: imagens e autoimagens*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>. Acesso em: 20 nov. 2022.
- CARRANO, P. C. R. Identidades Juvenis e Escola. In: BRASIL. *Construção coletiva: contribuições à educação de jovens e adultos*. Brasília: UNESCO, MEC, RAAAB, 2005. p 153-163
- GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 2012.
- KENSKI, V. M. *Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação*. Campinas, SP: Papirus, 2007. (Coleção Papirus Educação).
- MAINART, D. A.; SANTOS, C. M. A importância da tecnologia no processo ensino aprendizagem. *Anais [...]*. Congresso Virtual Brasileiro de Administração, 7, 2010.
- PERRENOUD, P. *Dez novas competências para ensinar*. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- PINHEIRO, P. P. *Direito digital*. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2010.
- PIROZZI, G. P. Tecnologia ou metodologia? o grande desafio para o século XXI. *Revista Pitágoras*, Nova Andradina, v. 4, n. 4, dez/mar. 2013. Disponível em: <http://goo.gl/Bc2d8m>. Acesso em: 28 nov. 2022.
- RICHARDSON, R. J. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- SANTOS, L. dos. *O uso das tecnologias digitais no processo de ensino e aprendizagem*. 2018. 35 f. Monografia (Graduação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018.
- SILVA, A. C. Educação e tecnologia: entre o discurso e a prática. *Ensaio*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 72, p. 527-554, jul./set. 2011.